

CONVERSÃO DA DÍVIDA EM INVESTIMENTOS NO BRASIL

(em US\$ milhões)

ITEM	LÍQUIDO	BRUTO	DESCONTO
1. Primeiros seis leilões	870,5	1.076	18,64%
2. Carta circular 1303 (depositado)	246,9	329,8	25,14%
3. Carta circular 1303 (outstanding)	311,3	344,7	9,66%
4. Carta circular 1125	845,0	845,0	0,00
5. SUBTOTAL	2.273	2.596	12,43 %
6. Conversões informais		1.930	
7. TOTAL		4.526,4	

OBS.: Leilões realizados até 29 de agosto. Os demais dados se referem até o dia 1 de agosto.

FONTE: NMB Bank

Mailson pede que credor aceite deságio

BERLIM OCIDENTAL (Do enviado especial) — Diante de cerca de 100 banqueiros internacionais e operadores do mercado financeiro, o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, disse ontem que a estratégia brasileira de redução da dívida externa depende em grande parte de uma decisão política dos países ricos: a de levar em conta o valor dos títulos da dívida brasileira no mercado internacional. Hoje, nas negociações desses títulos, cada dólar da dívida do Brasil é cotado a 52 centavos. O que o Ministro quer é que os credores aceitem o princípio de que a dívida na verdade vale abaixo de seu valor de face, o que implicará abatimento no valor total.

Mailson expôs essa posição durante um seminário sobre a conversão da dívida em investimentos, à margem da reunião do FMI, em resposta a um representante do Citibank, que lhe perguntou se o Governo brasileiro também estava buscando o perdão de parte dela:

— Não buscamos esse tipo de alívio — garantiu ele, taxativo. — O que queremos são novas maneiras de reduzir a dívida. Para colocá-las em prática, necessitamos de uma posição política dos países ricos: queremos que eles passem a fazer algo que

o mercado financeiro internacional já percebe como necessário.

O Ministro aproveitou o seminário para dizer aos banqueiros que a conversão da dívida gerou investimentos de US\$ 4,5 bilhões no País. E que o Governo brasileiro continuará a buscar mais dinheiro na praça, além de estimular a busca de alternativas para reduzir a dívida:

Mailson disse também aos banqueiros que considera o aumento das exportações brasileiras um bom sinal, mas que "seria ingênuo considerar que tudo está resolvido":

— Temos que ampliar nossos negócios, pois ao mesmo tempo precisamos aumentar as importações, uma vez que superávits tão grandes não são compatíveis com as nossas necessidades de crescimento — afirmou.

No final, ele disse que o déficit público já começava a ser controlado pelo Governo. E fez um apelo:

— As medidas de ajuste e, principalmente, a redução do papel do Estado, além de uma nova política industrial e da liberalização do comércio, criaram novas oportunidades de cooperação com o Brasil. Estou certo de que velhos parceiros não perderão essas oportunidades.